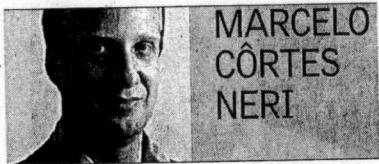


"A todos os que recomendaram comprar ações a US\$ 100 em 99, e que hoje custam US\$ 1,50, nosso 'muito obrigado'."

"The Economist", sobre a recente desvalorização das ações que compõem o índice Nasdaq, em "Não diga 'nova economia'", artigo publicado hoje, à pág. E6

Infortúnios paternos e infâncias perdidas



MARCELO
CÔRTE
NERI

Um eminente economista quantificou os custos sociais das flutuações macro. Indicando quanto cada indivíduo estaria disposto, em média, a contribuir para que a alternância entre booms e recessões fosse erradicada: um Big Mac por ano! Valor baixo, pois se trata do caso dos EUA onde, por hipótese, o Estado não só tentaria, como conseguiria amortecer toda a instabilidade observada.

O problema dessa conta é o nível de agregação envolvido: mesmo durante as piores recessões — digamos, a Grande Depressão dos anos 30 —, a renda média não cai a níveis próximos de zero, ao passo que, na prática, alguns indivíduos têm suas respectivas rendas zeradas. Nas crises, muitos sofrem pouco e poucos sofrem muito. O valor de um hambúrguer para quem está mor-

rendo de fome tende ao infinito.

Os problemas incorridos nas análises agregadas são diversos. A temperatura média enfrentada por um adolescente que trabalha no McDonald's entre sorvetes e batatas fritas nos dá a impressão de uma situação mais amena do que aquela observada na prática.

O nível micro permite mensurar não só os custos da instabilidade como as suas conseqüências. A realidade do adolescente americano que trabalha em lojas de fast food, ou dos brasileiros envolvidos na produção de bens transacionáveis, como calçados ou laranja — estudados com devoção nos EUA —, diferem daquela dos garotos que vendem chiclete no sinal. É preciso considerar a heterogeneidade das situações vividas.

Apesar de nossa longa história, pouco foi estudado sobre os custos sociais permanentes da instabilidade. Abordamos aqui os efeitos de longo prazo da instabilidade microeconômica. Em particular, o impacto de choques na renda paterna sobre variáveis de acumulação de capital humano como: evasão escolar, repetência e trabalho infantil. O ciclo de

vida pode ser dividido em três fases: na primeira, a criança trabalha e não estuda, depois estuda, mas trabalha para, na última fase, abandonar por completo a infância, ou seja, trabalhar e não estudar. Quais seriam os efeitos de infortúnios paternos em termos da entrada precoce da criança no mundo adulto?

Os dados usados, por acompanhar um número grande de domicílios por curtos intervalos de tempo, permitem a estimativa de impactos de mudanças das circunstâncias dos pais sobre as mudanças de alocação de tempo das crianças. A análise está restrita às famílias compostas por pai, mãe e, pelo menos, uma criança com idade entre 10 a 15 anos, residente nas seis principais áreas metropolitanas, nas duas últimas décadas. As variáveis de interesse são aproximações de impulsos e respostas: de um lado, choques de renda nos pais e, de outro, a probabilidade da criança abandonar a escola, repetir a série e/ou começar a trabalhar. Exploramos eventos controlados por características das crianças (gênero, idade, se está atrasada na escola), dos dois pais (escolaridade e renda)

mais tempo e de localização. Comparamos crianças em situações idênticas no que é possível observar.

Os resultados sugerem que choques adversos na renda paterna têm correlação positiva com a evasão e a repetência escolar. As respectivas chances deste eventos ocorrerem com crianças cujos pais sofreram perdas de renda são 21% e

O trabalho precoce cresce quando se junta a fome com a possibilidade de comer, como crianças pobres em regiões ricas

23% maiores do que aquelas que não apresentaram alteração no status paterno. Os resultados não apresentam relação significativa entre o pai perder o emprego e a criança começar a trabalhar. Quando trabalhamos com a variável de choque interagindo com o nível de renda inicial dos pais, encontramos um impacto nos três quintos de renda inicial mais baixos. Apenas as crianças pobres

tendem a ingressar no mercado de trabalho face ao infortúnio paterno.

A análise agregada apresenta alguma dissonância com os resultados individuais supracitados: em fases de booms macroeconômicos, o trabalho precoce entra em alta e o desempenho escolar, em baixa. Por exemplo, 1986, o ano do boom do Cruzado, constitui um pico do trabalho precoce, da evasão e da repetência escolares. Este resultado parece indicar que as maiores oportunidades associadas à expansão macro podem ser prejudiciais ao futuro das crianças.

O pior desempenho infantil acontece quando se combina necessidade com oportunidade: crianças pobres de regiões ricas ou filhos de desempregados durante booms. Nesses casos, as chances dos filhos sacrificarem o seu futuro é maior, pois se junta a fome com a possibilidade de trabalhar para comer.

Marcelo Côrtes Neri, Ph.D. em economia por Princeton, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às terças-feiras.
E-mail: mcneri@fgv.br